



# Malkovich. Homenagem aos mestres com a audiência no bolso

Depois da rodagem de “As Linhas de Torres Vedras”, o actor falou em Lisboa sobre o brilhantismo de Ruiz

DIOGO OLIVEIRA

Quando fala nota-se a mestria a cativar atenções. Pelo respeito conquistado como actor, como ambientalista e por jogar em casa. É que John Malkovich é co-proprietário do Lux, tem uma casa em Portugal e é presença habitual em tertúlias lisboetas. Esteve até domingo na rodagem de “As Linhas de Torres Vedras” e, acompanhado do produtor Paulo Branco (ontem, na Fnac do Chiado), falou da sua ligação com o falecido realizador Raoul Ruiz, partilhou histórias e confessou o apreço por outro realizador de eleição: Manoel de Oliveira. Ficámos também a saber que Malkovich é um dos melhores amigos de Gérard Depardieu e que gosta de ouvir Dr. Dre e Tom Waits. Mas é Ruiz que o enterece. “Via nele o pensador mais independente que conheci no cinema.” Acrescenta que “ele arranhou sempre tempo para falar com os actores, enquanto dava liberdade criativa e continuava a observar de forma bem próxima”.

Malkovich participou em três filmes de Raoul Ruiz: “O Tempo Reencontrado” (1999), “As Almas Fortes” (2001) e “Klimt” (2006). Interpreta agora o general Wellington em “As Linhas de Torres Vedras”, projecto finalizado pela viúva de Ruiz, Valeria Sarmiento, a partir do guião do chileno que morreu em Agosto passado.

O actor tem aquele suave humor que poderia ser britânico: não precisa de gracejar mui-

to para fazer sorrir, tem facilidade em dar um cunho positivo às frases que constrói. “Gostava de fazer perguntas ao Raoul. Às vezes tinha uma lista só para ele responder, porque nunca tinha respostas directas. Era incrível.” Para definir a personalidade do cineasta, o actor relembra o período em que o chileno trabalhou para Salvador Allende, tendo como tarefa censurar filmes. “Só cortou os próprios filmes, do que não gostava.” E reconhecem-se contornos de ídolo pessoal de Malkovich quando fala de uma “sabedoria imensa de cinema. Ele sabia tudo sobre toda uma enorme variedade de coisas. É impossível descrever como os actores gostavam dele. Era único”.

Por Manoel de Oliveira nutre um sentimento semelhante. Recorda um episódio num cemitério em Portugal, com as portas fechadas. “Como Manoel já estava farto de procurar, saltou um muro. Isto com 87 anos. Ele consegue pôr-nos a ver o mesmo local durante 20 minutos e só aparece uma rapariga. Se eu chegar aos 104 anos aposto que ele ainda aí anda a fazer filmes.” E é de uma das linhas de um filme de Oliveira que o actor recolhe ensinamentos que lhe valeram duas nomeações para Óscares e uma “vida feliz”: “Ninguém é tão bom a fingir como eu. A vida é bela.”



**Ciclo John Malkovich & Raoul Ruiz no Espaço Nimas, entre sexta e domingo, com os três filmes que juntam os dois nomes**





**Data:** 21.02.2012

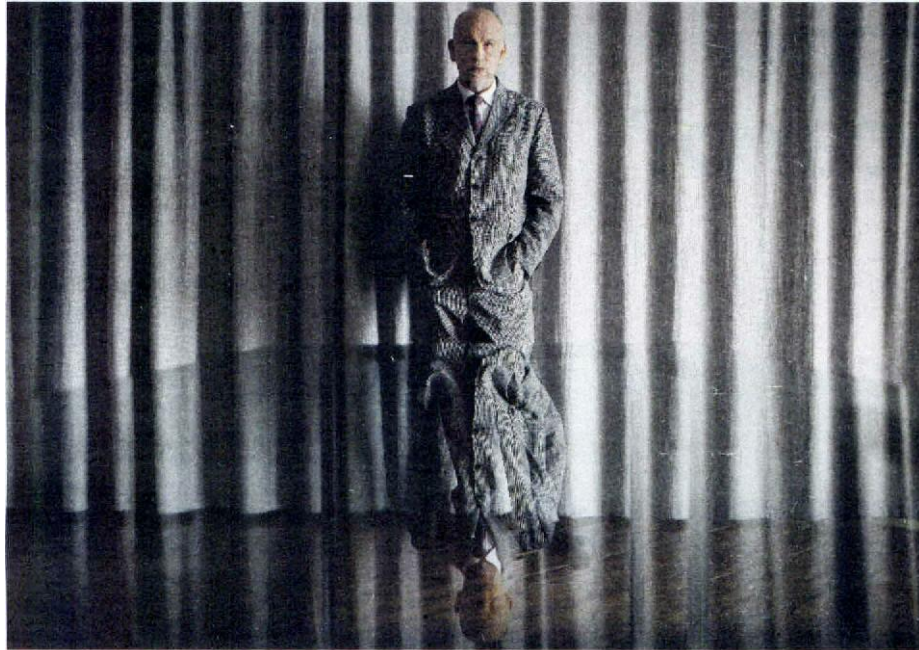
**Título:** Malkovich. Homenagem aos mestres com a audiência no bolso

**Pub:**

**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Cultura

**Pág:** 48



O actor sobre Raoul Ruiz: "Tinha uma sabedoria imensa de cinema" MÁRIO CRUZLUSA

Área: 304cm<sup>2</sup> / 34%

Tiragem: 27.259

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4016816